A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Cinco minutos apenas de palestra, e d'esta vez não te enfadarei com uma unica allusão á politica. *Ça pue.*

Havia um dono d'um café, que recommendava sempre aos creados:—Não deem jornaes aos freguezes: se elles começam a ler politica, enojam-se, e não mandam vir nada.

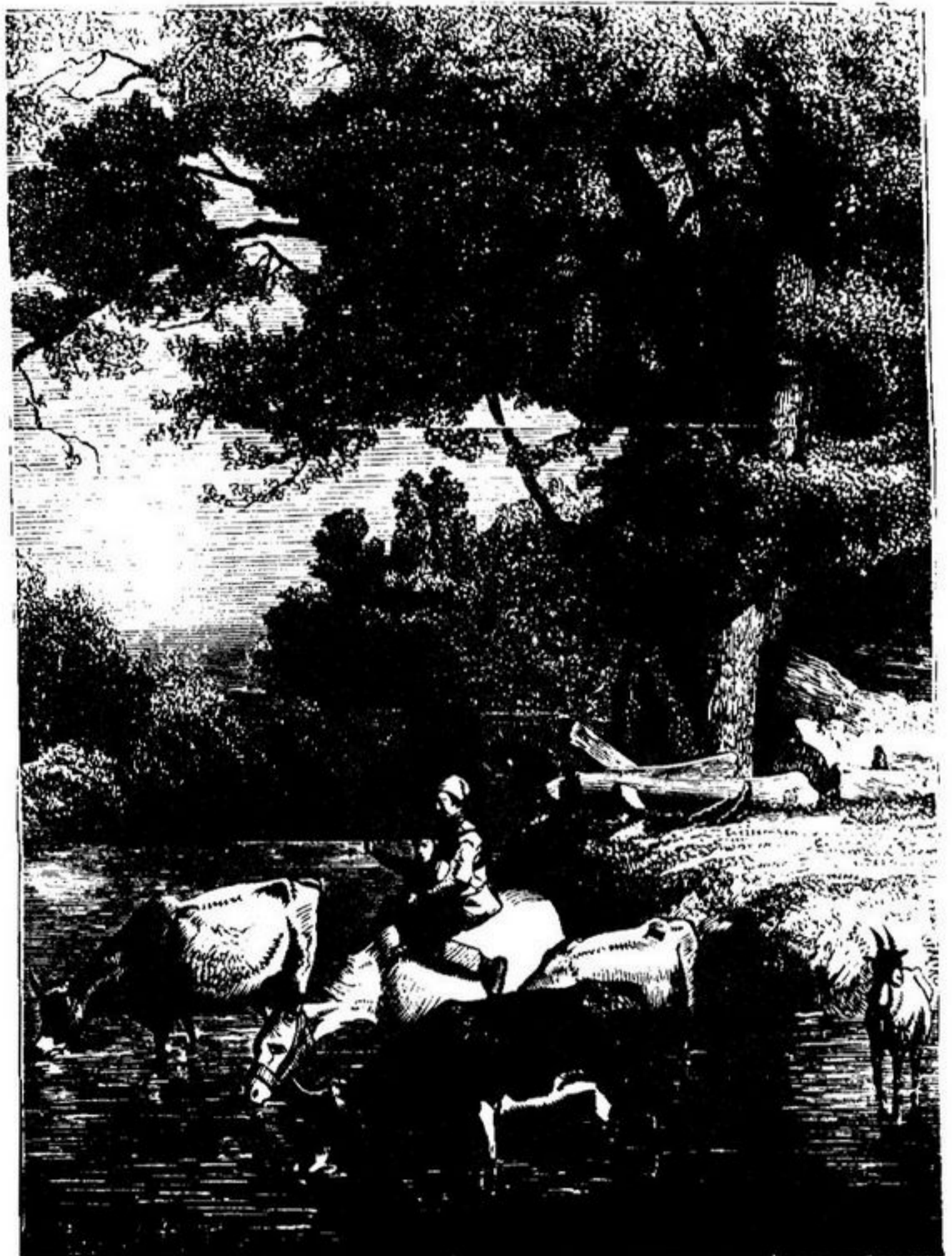
O meu bom senso aconselha-me exactamente o mesmo que aquelle patusco prescrevia aos seus servos: se começasse a dizer-te o que se tem passado durante esta semana entre os bastidores da politica, desde o tablado em que o sr. Glad stne representa a pantomima anglo-russa, até áquelle em que os nossos progressistas desenterram a velha farça da *patuleia*, tu enojavas-te, de certo, e não tornarias a mandar vir a *Illustração*.

Ora eu quero que tu me leias sempre; desejo morrer sob o influxo magico do teu olhar; sentir a alma evolar-se para os paramos do azul, tendo a certeza de que tu a segues, na sua passagem rapida, com um pensamento, com uma saudade.

E' tão bom ser lido por uma mulher bonita...

—Estás d'ahi a querer perguntar-me, mordida pelo diabinho da curiosidade peculiar ao teu sexo, se eu doidejei estouvadamente nas campinas d'extra-muros, em quinta-feira da Ascensão, colhendo a espiga tradicional e as papoulas vermelhas que bordam a relva florida.

Não, minha querida amiga; não fui, na onda sussurrante do povoleu alegre, retouçar sobre as messes côr de oiro.

A chronica precisa de ar e de luz, mas não se contenta com a luz d'estas paragens, não se satisfaz com

UMA VISTA DE MONTEMÓR-O-VELHO

o ar pobremente oxigenado d'estes campos. Acostumada ao aroma saudavel das urzes, afeita ao brilhantismo puro do sol provinciano e ao cheiro acre das estevas oleosas, encontra um não sei quê de theatral e postiço n'estes trigaes de fóra de portas, n'estes pomares de Bemfica e de Caneças, n'estes horisontes de Queluz e do Campo Grande.

Dir-se-ia que a vegetação e a athmosphera dos nossos campos circumvisinhos são um reflexo da vida ficticia de Lisboa, vida envenenada por emanações lethaes e deleterias, existencia roida pelo microbio da chlorose.

Aqui, assim como as mulheres teem a pallidez funerea e ceracea da visão do sonho de Musset, assim os trigaes e os lyrios campestres se nos apresentam desbotados e anemicos, com ares de gommoso precocemente envelhecido nas orgias, a quem o vigor falta, e cujo sangue se dessorou.

E' por isso que eu não fui colher a espiga religiosamente guardada pelo povo ingenuo, no fundo das arcas, como garantia de abundancia. E' por isso que eu não fui entretecer, n'algum prado visinho, um ramilhete de madre-silva, baunilha e amores perfeitos, com que adornasse a lapella do *frack*.

N'estes dias, em que é d'uso colher flores campesinas, tripudiar sobre as cearas lourejantes, e correr pelas estradas fóra, subscriptando madrigaes á Natureza, sinto em mim a nostalgia das leiras de terra floridas, mas prefiro ficar em casa, para não soffrer uma triste desillusão.

As minhas campinas dilectas e as minhas flores adoradas estão longe, muito longe, onde a vista não chega a alcançal-as, onde a alma não pode embriagar-se com os seus perfumes.

Se não conseguir tornar a vel-as em vida, pedirei ao menos que m'as deixem contemplar já moribundo, como a filha do velho Sertorius pedia ao pae que lhe tocasse o *Canto do Calvario* no derradeiro instante.

Sejam aquellas flores o unico adorno da minha cova humilde. Possa eu tel-as sobre os oito palmos de terra da campa, e, menos exigente que Beranger, não direi como elle disse:

> *«Et quant aux fleurs qu'on promet à ma bière,*
> *Mieux vaut, je crois, les respirer vivant.*

Inaugurou-se o novo mercado da Praça da Figueira. Das cinzas dos antigos *logares* onde os nossos avós iam fornecer-se de couve gallega e maçãs rainetas, d'aquellas pequeninas gaiolas mal cheirosas e coevas da fundação da Monarchia, que vasavam no estomago insaciavel da capital productos azotados e ferruginosos, brotou um mercado elegante, com seus ares de castello feudal, a que não faltam ameias, portas ferreas e torres de menagem douradas.

Le roi est mort, vive le roi!

Só uma coisa não renasceu das cinzas da Praça velha: — a tia Vicencia, aquella boa creatura que tinha o segredo de nos dar fructas sazonadas quando os outros as forneciam verdes; aquella sympathica, anafada e mezureira collareja, que fazia as delicias dos *gourmets* aristocraticos e plebeus, que teve a honra de cavaquear com o imperador do Brazil, e de abrilhantar, com as suas frutas formosissimas e deliciosas, as mesas lautas dos nossos reis.

A boa Vicencia já ali não está; não a vimos, faltou á chamada.

Assim devia succeder. O seu espirito, intransigente com tudo que cheirasse a modernismo, não podia acclimar-se n'um mercado luxuoso e novo em folha.

Morreu a tempo de não soffrer um grande desgosto, a velha Vicencia.

Deus lhe falle n'alma, e que o novo mercado possa fornecer-nos bellos morangos como os seus.

O *Grão Mogol* foi o grande acontecimento theatral da semana. Em vez d'ir colher a espiga dos campos, preferi ouvir a apparatosa operetta franceza, e sahi satisfeito da Trindade.

Um deslumbramento de scenario e de guarda-roupa, o *Grão Mogol*. Durante tres horas, o espectador vê desfilar diante de si, ao som d'uma musica ligeira e brincalhona, principes orientaes trajando *toilettes* constelladas de pedrarias; sacerdotes de Brahma arrastando tunicas setinosas e reluzentes; princezas de cabellos côr de oiro e mantos bordados, desafiando olhares; guardas nobres marchando com garbo marcial; pagens elegantissimos; cantadeiras provocadoras desferindo as cordas do bandolim... um sonho das *Mil e uma noites*, convertido na mais bella das realidades pela vara magica do feiticeiro Francisco Palha.

Chega a gente a sentir pena de que o poema não corresponda, pela escassez d'espirito, aos deslumbramentos feericos da *mise-en-scène*. Mas d'isto não tem culpa o festejado author da *Fabia*, como não a tem de que a Fantony vá perdendo pouco a pouco a frescura da sua voz crystalina, de que o Leoni não houvesse nascido um cantor de *primo cartello*, e de que a Josepha...

Em todo o caso, leitora amiga, vae ver o *Grão Mogol*, se queres ficar deslumbrada. Recommendo-te os fatos em setim *rose pâle* e branco das cantadeiras, o *maillot* da Josepha com o seu contheudo, as *toilettes* da Florinda, o brinde do final do 2.º acto, e a vista do jardim, d'aquelle jardim oriental onde ha um famoso *kiosque das rosas*, e onde o colar do principe se faz negro como azeviche. .

Vae ver.

C. Dantas.

GARRETT E O SEU TEMPO

XX

Já uma vez nos referimos á pena que tivemos ao ver que o sr. Gomes de Amorim não nos dava muitos pormenores ácerca das relações de Garrett com o theatro.

Parece-nos que dissemos tambem que, admirando todas as manifestações do talento de Garrett, o seu genio dramatico é o que mais nos enthusiasma. E comtudo—coisa singular!—as peças de Garrett não teem grande successo. E' porque são umas peças litterarias, que o grosso publico não comprehende e a que prefere os melodramas commoventes em que a grammatica e a ingenua são victimas igualmente, aquella do author e esta do tyranno barbaças? Não me parece.

Essa explicação é a que se dá nos theatros, e eu nunca me atrevi a responder aos actores que m'o diziam:—Não, meus amigos, as peças de Garrett não precisavam de ser mal escriptas, as peças de Garrett o que precisam é de ser muito bem representadas, e raras vezes o conseguem, porque são difficillimas de representar.

Era o proprio Garrett que dizia que é preciso tratar de agradar sobretudo á platéa geral, porque ahi é que estão os homens de coração simples que se deixam impressionar sinceramente pelos sentimentos verdadeiros que se manifestam em scena.

Se elle dizia isto e se elle o pensava, como é que podia, com o seu immenso talento e com a sua immensa perspicacia, escrever peças tão guindadas e tão litterarias que fosse completamente impossivel á platéa geral comprehendel-as e apreciai-as?

Impossivel! e effectivamente nada ha mais simples do que as peças de Garrett. Não se encontram nos seus dialogos as imagens levantadas, as flores e os arrebiques que ascapam á multidão; tudo ali é natural e corrente. Tudo se dirige ao coração e nada ao espirito. As suas comedias fazem rir e os seus dramas fazem chorar. O seu objectivo é a platea geral; mas, como os metaes que emprega na elaboração do seu mechanismo dramatico são os metaes de lei, como diz no prologo do *Fr. Luiz de Sousa*, é necessario que os actores os saibam pôr em relevo e engastar convenientemente, para que não succeda vencel-os em brilho o *strass* vulgar e banal dos joalheiros de feira.

E vem a proposito contar uma historia que me foi narrada pelo proprio sr. Gomes de Amorim, e que sempre achei deliciosa e caracteristica.

Representava-se a *Herança do Chanceller* de Mendes Leal, uma finissima peça escripta em deliciosos versos. O sr. Gomes de Amorim assistia ao espectaculo ao lado do nosso velho e excellente Cascaes, que teve sempre o coração ao pé da bocca um coração excellente ao pé de uma bocca eloquente e lealissima.

Caiu o panno no fim do primeiro acto, e houve alguma pateada. Um dos pateantes estava exactamente adiante do sr. Gomes de Amorim e do sr. Cascaes.

O auctor do *Alcaide de Faro*, bem longe de se regosijar, como fariam outros muitos, com esse meio desastre acontecido a um confrade, indignou-se, e, voltando-se para o pateante, apostrophou-o energicamente.

— Ora permitta-me que lhe diga uma coisa, trovejou o nosso honrado amigo, isso não se faz! Pois então andam por ahi sempre a queixar-se de que não ha theatro portuguez, de que não ha arte portugueza, e quando sobe á scena uma peça original primorosamente escripta, revelando trabalho, estudo e talento, a recompensa que o author encontra é uma pateada! Assim é que os senhores pretendem animar os que lidam no campo da arte? Assim é que imaginam que hão de vir a ter theatro nacional?...

E *patati* e *patata*, Cascaes desabafou uns bons dez minutos, com grande desespero do sr. Gomes de Amorim, que esperava a cada instante que o seu visinho mandasse passeiar o intromettido censor, resolução de que resultaria conflicto sério, porque o capitão Cascaes, hoje general divisionario ou de brigada, não era homem que deixasse de sustentar com um par de murros a iniciativa que tomára.

Mas o homem, longe de recalcitrar, ouviu em silencio a perlenda de Cascaes, e, apenas este concluiu, tirou o chapéu, e, sem dizer uma só palavra, sentou-se outra vez no seu logar.

Subiu o panno para o 2.º acto, e o nosso homem ouviu tudo com religiosa attenção.

Ao cair o panno nova pateada, e o visinho do sr. Cascaes e do sr. Gomes de Amorim, d'essa vez sem acompanhar os pateantes, levantou-se com um gesto brusco, e, voltando-se para o estupefacto Cascaes, fallou d'esta maneira:

—Pois senhor! o que me disse ainda agora quadrou-me. Effectivamente percebo que é necessario não desanimar esses rapazes que andam por ahi trabalhando para nos darem theatro na

cional. Tem razão, tem carradas de razão e dou as mãos á palmatoria. Mas senhor, eu venho ao theatro ou para chorar ou para rir. Esta peça é muito boa, mas nem me faz rir, nem me faz chorar. Logo, não devendo pateal-a, e não podendo atural-a, vou-me embora. Passe muito bem.

E, enterrando o chapeu pela cabeça abaixo, abalou.

Tinha muito bom senso este desconhecido, ingenuo e legitimo representante d'aquella platéa geral, cujo voto Garrett desejava obter. Ora, para o alcançar, bem sabia o grande poeta que tinha de a fazer rir ou de a fazer chorar, e não de a deliciar com primores de rhetorica.

Mas as peças de Garrett, onde o coração humano está com tão perfeita verdade analysado, onde se põem em jogo as paixões humanas levadas ao mais alto grau do pathetico, são de uma difficuldade extrema, porque todos os personagens são simples e delicados, gente moderada e singela, que não tem as explosões ferinas de Othello, nem os delirantes ardores de Julieta. Shakespeare é um grande observador da alma humana, mas Racine muitas vezes não lhe fica atraz, e comtudo Shakespeare ha de ser sempre mais popular que Racine. Porque? Porque Hermione e Phedra não deixam trasbordar as suas paixões n'essa torrente inflammada que brota dos labios tempestuosos de lady Macbeth, ou da voz amarga e louca do rei Lear. Assim dezenas de actores e de actrizes se teem feito applaudir doidamente nas peças de Shakespeare, só a Rachel soube no nosso seculo representar o grande Racine.

Pois nós não vimos ainda o modo como Rossi representou o *Fr. Luiz de Sousa*, e não vimos o extraordinario triumpho que obteve? Ah! é porque só elle, pelo menos entre os actores contemporaneos, soube dar valor e sabor a cada phrase do immortal poeta, só elle soube arrancar os thesouros de sentimento e de paixão que em cada linha se encontram.

Representem as peças de Garrett como ellas devem ser representadas, e verão o triumpho que obtêem. Mas não é uma actriz qualquer que representa, por exemplo, o papel de Philippa de Villhena! Que delicioso papel para quem o saiba comprehender! Com que arte suprema é feita a scena capital d'aquella adoravel peça! Outro qualquer teria feito de Philippa de Villhena uma mãe espartana, ter-lhe-hia posto nos labios um discurso inflammado que arrancaria bravos enthusiasticos á platéa. Garrett porém recorreu mais uma vez aos metaes de lei. Philippa de Villhena é mãe, é christã, e é portugueza. Treme pelos filhos, mas comprehende que mal andaria se lhes aconselhasse uma fraqueza, que a perfeição do seu amor consiste em lhes ensinar o caminho do dever, em zelar a sua honra de fidalgos ainda mais do que a sua vida, e por isso lhes cinge ella propria a espada, e os escuda contra a desgraça e contra a morte com a sua tremula benção! E este personagem assim, tão simples, tão delicado, tão verdadeiro é uma creação sublime, mas que raras actrizes poderão incarnar em si, porque é muito mais facil dar voz e alma a um personagem expansivo, cujo caracter se revela todo em impetos de paixão, do que a estas doces figuras, que escondem sob a apparente serenidade os mais vivos affectos e as mais tormentosas paixões.

Como ensaiaria Garrett as suas peças? Que conselho daria aos actores? Perderam-se para sempre essas recordações preciosas.

Faz-nos o sr. Gomes de Amorim uma revelação, que me deu um prazer de vaidade, que humildemente confesso.

«No theatro de D. Maria havia então um actor chamado Francisco Manuel Correia, que tinha fraca voz e peior figura. Sem gostar d'elle, o publico tolerava-o, por saber que era estudioso e correcto no que dizia.

«A's vezes, asseverava João Baptista nas nossas sessões nocturnas, dá-me vontade de ir lá dentro (ao palco) e dar dois pontapés n'aquelle pequenino, que me põe os nervos mais desafinados do que está o grande orgão de dona opinião publica, vulgo imprensa.

«—Olhe que é rapaz de intelligencia cultivada, estuda, tem bons livros, e é excellente moço.

«—Fico ainda com mais vontade de o zurzir. Devia saber que não tem dotes para actor. Furasse por outro lado.»

Conheci ainda o pobre Correia, e dou a minha palavra de honra que muitas vezes senti o mesmo appetite que Garrett confessava. Tambem me desafinava os nervos de um modo extraordinario. Se eu fosse contemporaneo de Garrett, alguma vez o grande poeta e este seu humilde admirador se achariam em conjuncção nas costas do malaventurado Correia, unidos pela igualitaria bengala, em resultado de uma sympathica crispação de nervos. Era effectivamente irritante aquelle Francisco Manuel Correia. Estreiava-me eu no folhetim, quando Correia estava a acabar a sua pouco brilhante carreira dramatica. Uma vez não pude resistir, e desanquei-o n'uma critica theatral. Disse-lhe que era tão consciencioso que fizera um papel de tolo com muito mais tolice de que a requerida pelo auctor, mas que lá n'esse ponto Correia dava sempre boa medida. Constou-me que elle ficára fulo, e que fallára em me desafiar. Disseram-me então o mesmo que tinham dito a Garrett, que era intelligente e estudioso.

—Pois que vá estudar para casa! respondi eu indignado.

Pouco depois Correia morreu, e eu fiquei desgostoso por lhe ter amargurado as ultimas horas de existencia. Eu tinha vinte annos. *Cet âge est sans pitié*. Mas a revelação do sr. Gomes de Amorim alliviou-me de um remorso. Ao que parece, não fiz senão executar a sentença lavrada já por Almeida Garrett. Estou desculpado.

PINHEIRO CHAGAS.

AO ABANDONO

Como caindo vão pelas quebradas,
Tombando das escarpas dos rochedos,
Os echos das cant'gas namoradas,
E as flores dos silvedos;

Como cáem, ás vezes, pela sesta,
Na terra ardente as aves sequiosas,
E no outono, dos ramos da floresta,
As folhas rumorosas;

Como cáem dos platanos despidos,
Quando approxima a frigida estação,
Pelos braços do vento sacudidos,
Os ninhos pelo chão;

Como cáem as noites silenciosas,
Depois que o sol nas vagas se extinguiu,
Como cáem as pétalas das rosas...
O seu amor... caiu!

*
* *

E como todo o aroma á flor desmaia,
Como desmaia um raio de luar,
E rola e desfallece pela praia
Em ondas todo o mar;

Como em noites d'inverno luctuosas,
Das nuvens sob o escuro e denso véu
Se apagam as estrellas luminosas
Na abobada do céu;

Tal como expira um cantico de festa,
Ou como pela tarde, ao pôr do sol,
Se ouve morrer na sombra da floresta
A voz d'um rouxinol;

Como acaba depressa aquelle enleio
D'um sonho, em que a nossa alma adormeceu;
Como fenece a esperança em nosso seio...
O meu amor... morreu!

A. DE C.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA VISTA DE MONTEMÓR-O-VELHO

A nossa estampa representa uma vista de Montemór-o-Velho, villa do Douro, a 24 kilometros a oeste de Coimbra, e 190 ao norte de Lisboa.

Esta importante povoação está situada nas abas de um monte, na margem direita do Mondego. De um e outro lado do monte se estendem os vastissimos, bellos e feracissimos campos do Mondego.

E' uma das mais antigas povoações da Peninsula Iberica. Data, pelo menos, segundo suppõe o sr. Pinho Leal, auctor do diccionario *Portugal antigo e moderno*, dos annos 500 ou 400 antes de Christo.

Nos primeiros seculos da monarchia chamava-se *Montemór Sobre o Mondego*.

Desde o seculo IX denominou-se *Montemór*, a que se accrescentou *o Velho*, desde que D. Sancho I reedificou a villa de Montemór-o-Novo, no Alemtejo.

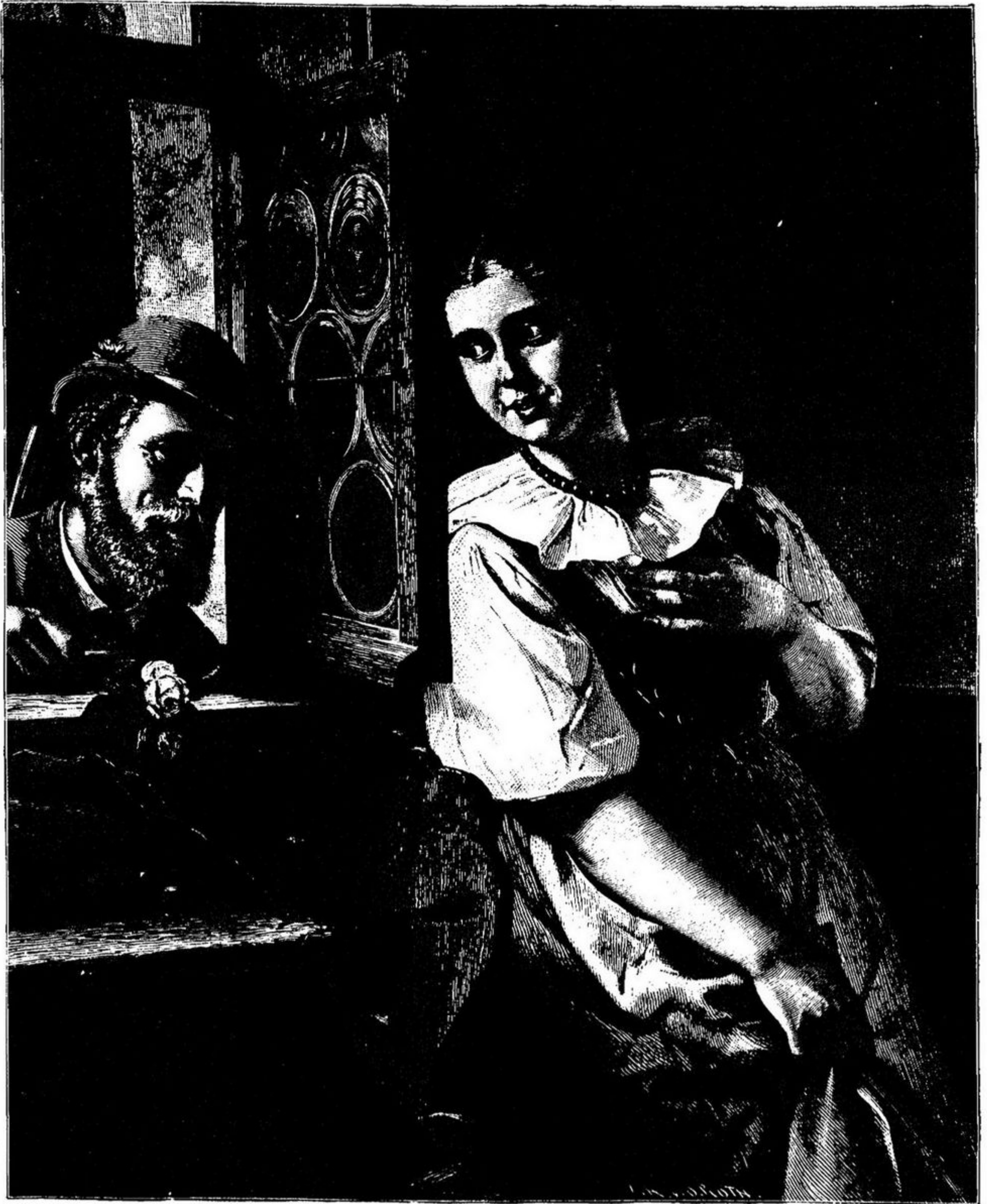
O Mondego, saindo do seu leito, tem invadido muitas vezes os campos d'esta villa, cobrindo-os completamente.

A' VOLTA DA CAÇA

Aquella janella é tão baixa que convida. Uma verdadeira tentação, a maldita!

Depois, lá dentro ha uns olhos pretos, muito rasgados e muito fascinadores, que trazem estonteado o pobre caçador.

A caça é um pretexto para passar por ali, duas vezes ao dia, sem que as linguas damnadas murmurem. A rua faz caminho para o campo, e entre lusco fusco pode-se fallar d'amor á bella, muito aconchegadinho com a parede, como quem não quer a coisa...

D'esta vez, o galan enamorado traz uma rosa com que deseja brindar o objecto dos seus sonhos. Ella vira-o de longe, e fa-

A' VOLTA DA CAÇA

A ALVORADA NA FLORESTA

APANHADA EM FLAGRANTE DELICTO

lhe fosquinhas, escondendo-se detraz da janella. Duas perfeitas creanças, qual d'ellas mais mal ferida pelo Deus vendado.

APANHADA EM FLAGRANTE DELICTO

Esta, menos feliz do que a outra, preparava-se para arremessar uma flor ao escolhido do seu coração, e é surprehendida em flagrante delicto pela mãe, uma fidalga velha, d'ar severo e carrancudo, que não a deixa pôr pé em ramo verde.

Seguramente, vae ouvir um sermão de lagrimas, mas isso não a impede de commetter no dia seguinte o mesmo pecadilho, illudindo a vigilancia materna.

A ALVORADA NA FLORESTA

Uma paizagem lindissima, que se admira pela variedade e transparencia dos tons, mas que se não descreve em dois traços.

Quem poude já assistir ao romper d'alva n'uma floresta, e contemplar todas as bellezas d'esse formoso quadro, dispensa bem a descripção d'elle.

Os que o não viram, imaginem-o, ou procurem admiral-o *d'après nature*, roubando algumas horas ás delicias do leito.

Temos por cá muito d'aquillo, sem precisar de ir longe.

O PEQUENO PAGANINI

Um prodigio, este pequeno.

Aos oito annos arrancava da alma do seu stradivarius uns queixumes doloridos, como os que podem soltar as rolas viuvas. Aos doze era um verdadeiro portento, e já não tinha nada que aprender com o velho professor caturra.

Fazendo a synthese do que é, entre nós, a vida artistica, podiamos accrescentar, como epilogo:—e aos vinte annos morreu de fome.

Tal é, com effeito, o tristissimo fim dos grandes genios. Em vez de glorias, a fome negra e a miseria esqualida.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

EURO.—Porto.—Recebi, e analysarei com mais vagar.

ERNESTO MARIA LEVY MARIA CORREA.—Oliveira d'Azemeis.—Ha todos os numeros. Pode v. ex.ª mandar abrir a assignatura.

G. CAETANO.—Não percebemos a sua charada-telegramma em acrostico. Quer explical-a?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Temos n'este passaro uma joia—1—2.

Não pára esta mulher n'esta provincia—2—3.

Porto. MAGALHÃES.

Corta e mortifica este homem—2—1.

Acabou na India este concelho portuguez—2—2.

Na musica este vaso nada—1—2.

Esta em caminho para a cova este animal aquatico—1—2.

Ponta do Sol. MAF.

EM VERSO

(Ao distincto escriptor. J. V. Mariares da Silva)

Cingindo a terra, immenso, magestoso,
de Deus a omnipotencia manifesto:
quer plácido me mostre ou revoltoso,
grandiloquo poder em mim attesto:
e, se do meu valor menos cuidoso,
o homem, sem pensar, me affronta lesto,
quantas vezes a morte lastimavel
encontra no meu seio immensuravel.—1

Hercules, o valoroso, o destemido,
de mim, por sobrenome, se fez uso,
e á Phenicia tendo pertencido,
hoje apenas na historia ainda luso;
ou então, do marisco conhecido
tirando um outro ser, sou mais profuso:
ou se diga da côr que represento,
ou dignidade sacra que apresento.—3

Inimigos crueis e rancorosos,
a Elle, ao Redemptor da humanidade,
sedentos do seu sangue e furiosos,
terriveis, commetteram tal maldade;
mas foi tal o castigo aos revoltosos,
de tão dura e brutal frrocidade,
que por sec'los sem fim será maldita
a raça, por tal feito hoje precita.

Porto. L. CONCEIÇÃO MORAES.

CARTA ENIGMATICA

(Por lettras)

Amigo 5, 6, 4, 2, 3

Cheguei hontem da feira do 4, 2, 3, 1, 5, onde comprei, um tanto 4, 2, 3, 5, 6, uma porção de 6, 2, 4, 4, 5, 6, que espero vender na dos 3, 2, 1, 5, 6, com algum interesse. Ali soube que a tua 3, 2, 6, 4, 2, tinha vindo do 1, 2, 3, com pescaria.

Sabe agora o mais curioso: Assisti ao casamento da 2, 1, 2 do Antoninho, aonde, depois dos comes e bebes, houve 6, 5, 4, 5, 6 a valer, entre o noivo e um outro rapaz, por este ultimo lhe dizer que a noiva o 2, 1, 2, 3, 2 em tempos, armando-lhe depois a 1, 2, 3, 5, 6, 4, 2. A cousa tomou vulto entre os convidados, havendo, pelos 4, 2, 6, 4, 5, 6, d'aquelles, pancada de crear bicho. Eu safei-me, antes que fosse tudo 3, 2, 6, 5.

Será 3, 2, 3, 5 pilharem-me, 4, 5, 1, 5 agora em taes festas.

Teu amigo
1, 2, 3, 4, 5, 6

Mertola. F. M. C.

ENIGMAS

Dispôr as quatorze syllabas seguintes, de modo que dêem os nomes de quatro imperadores, formando as lettras iniciaes o nome do imperio, e notando-se nas finaes uma certa particularidade.

Lo—ly—no—ro—cri—dri—o—bri—ma—a—mu—o—no—a.

SANS-SOUCI.

Serio não brinco:
Tem lettras cinco.
Tres são vogaes,
Todas eguaes,
E as restantes
São consoantes.

Quarta e segunda
—O' barafunda!—
São consoantes;
E nas restantes
Verás vogaes
Todas eguaes.

Eis tudo feito,
Falta o conceito.
E' uma planta
(Ahi ha tanta!)
Leguminosa
E saborosa.

ASTURIANO.

ENIGMA LITTERARIO

		C 1		
	E 1	J 2	A 3	
O 1	P 1	R 1	T 1	G 1

Escripto celebre de um poeta inglez, a favor da liberdade d'imprensa.

D. Bibas.

ADIVINHAS POPULARES

Sou refresco saboroso,
E na flor da terra habito,
Sou um verde bem bonito,
Quem me tem vive afflicto.

Eu sou velha e muito antiga,
Só com velhas me dou bem,
Que estas meninas da moda
Amizade me não têm.

Trago commigo um pequeno
Com propensão para a dança,
Muito agudo da cabeça
Apesar de ser creança.

Quem tem dó de me vêr nua
De novo me vae cobrir,
Eu, do fato que me dão,
Faço o pequeno vestir.

PROBLEMA

Achar o producto de 14 por 343497, fazendo só 3 multiplicações por 7 e sommas de parcellas convenientemente collocadas.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Rosalina - Santa Helena —Lisboa —Arcadia—Cascaes—Bolama—Fernando Pó.
DOS LOGOGRIPHOS:—Margarida—Antimonio—Maria Pia
DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Viola.
DAS ADIVINHAS POPULARES:—A cera e o mel—Azeitona.
DO PROBLEMA: – O numero é 142857.

Errata relativa á solução do problema publicado no n.º 45:
Os numeros são -1 e $\frac{1}{2}$.

A RIR

Um hespanhol e um portuguez discreteam ácerca da fidelidade dos animaes. A palestra recae sobre o caso conhecido de varios cães, que morrem de saudade junto da sepultura dos donos.

—Isso não me espanta! diz o hespanhol. Conheci um cão, em Sevilha, que se suicidou diante do jazigo do dono.

O portuguez, espantado, mas não dando o seu braço a torcer:

—E' admiravel o que me conta, mas eu sei d'um caso mais surprehendente. Ha um cão, meu conhecido, que todos os dias vae depositar *bouquets* de flores na cova da dona!

*

Pensamento d'um philosopho:

A amisade é um guarda-chuva, que se vira do avesso quando está mau tempo.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Para evitar o ruido das *rangedeiras* no calçado—ruido desagradavel ás pessoas nervosas—basta mergulhar as sollas em oleo de linhaça, por alguns instantes, e fazel-as depois seccar ao sol ou ao calor do lume.

As *rangedeiras* importunas desappareceräo completamente, e as sollas do calçado ficarão em estado de resistir á agua

Por meio d'um processo simples obteem-se duas vantagens ao mesmo tempo.

CONSUELO

HISTORIA VULGAR

(A Alberto Osorio de Castro)

Decididamente a preguiça é um peccado!

Como é bom levantar cedo, aos primeiros suspiros dos rouxinoes, quando a aragem da manhã encrespa a suprelicie polida dos lagos, e as papoulas abrem as suas corollas vermelhas e humidas, como labios sequiosos de mulher nova!...

Ha na luz serena da madrugada esse philtro delicioso que embebeda e que extasia,—o philtro que a noite, a velha alchimista, prepara, com a sua pericia costumada, no immenso laboratorio dos campos, tendo como retortas as flôres e como elementos os perfumes dos cactos e os beijos das borboletas...

Eu gosto do ar balsamico dos pinheiros, d'esse aroma suavissimo das urzes, quando o orvalho pende dos apices das folhas e a Natureza accorda estremunhada, espreguiçando-se voluptuosamente aos primeiros raios do sol.

Foi n'uma d'essas manhãs de estio em que a luz nos entra pelo quarto transformada n'uma chuva finissima de ouro, que eu a vi, pela primeira vez, passando, debaixo da minha janella, com o seu cestinho de flores e o seu chale de seda azul.

Quando, nos dias de chuva, eu a via atravessar a rua em pequeninos saltos, afim de evitar a lama, deixando ver por debaixo do vestido levemente arregaçado uma saia muito branca e um pésinho tentador, lembrava-me d'essas avesitas de verão, que procuram incessantemente um poiso, mas que nunca se demoram n'elle.

Era uma andaluza, uma encantadora filha da antiga Betica: nos seus movimentos voluptuosos de serpente havia um não sei quê de mystico que fascinava e que attrahia. Os olhos, de um negro avelludado, muito tristes, muito languidos, faziam-nos pensal-a uma Odalisca do Herat, fugida das regiões phantasticas do amor, n'uma d'essas noites em que a terra dorme envolta no seu manto de luar, e o silencio das trevas é apenas interrompido pelo murmurio das fontes, ou pelo monotono farfalhar das palmeiras...

Habitava n'uma das viellas da Baixa, entre as quatro paredes esburacadas de uma trapeira immunda, tendo apenas por alegria um raio de sol que de vez em quando a vinha visitar pelos vidros partidos de uma fresta, e por companhia uma filhinha de tres annos, que estremecia doidamente.

Quem era aquella rapariga? Poucos o sabiam. Consuelo vivia completamente só e passava os dias a trabalhar, ao lado da filha, umas vezes fazendo flôres e bordados que ia vender ás lojas, outras vezes aviando as encommendas que lhe levavam.

Coitada! Quantas vezes ella apparecia com os seus lindos olhos negros muito pisados, muito roxos, deixando adivinhar perfeitamente o sulco profundo das lagrimas e a agonia do soffrimento!

E deviam ser de fogo as lagrimas d'aquella mulher!

*

Um dia, interessado pelo destino d'essa pobre creatura, talvez até cheio de curiosidade pelo mysterio que a envolvia, perguntei que impulso do destino tinha atirado para alli aquella flôr vermelha, deixando-a esquecida, abandonada na solidão tenebrosa do mundo e á beira do abysmo profundissimo da sorte. Disseram-me que tinha sido amada doidamente por um rapaz que ella desprezara, atirando aquelle amor purissimo e celeste o escarneo do desprezo e a ignominia do insulto.

Debalde elle se rojou aos seus pés, promettendo-lhe todas as felicidades que o seu riquissimo coração, ainda virgem, lhe podia distribuir com uma prodigalidade oriental. Consuelo rejeitara-lhe tudo porque não o amava, e não o amava porque elle não tinha a falsa apparencia dos milhões, e a garridice do vestuario usada exclusivamente pelos rapazes que passam a maior parte do dia na cama, e que á noite se exhibem em S. Carlos com a vaidade desmedida da estupidez e da ignorancia.

Ella não gostava d'aquella creança pobre, que passava noites inteiras estudando heroicamente, conglobando todos os seus pensamentos n'uma adoração fanatica que tributava cegamente áquelle coração ingrato de mulher bonita. O seu ideal era um d'esses janotas *champignons* da sociedade, que mal sabem escrever o seu nome, mas que passam a vida entre as nuvens azuladas de charuto, recostados indolentemente á porta da Havaneza, a perna traçada, olhando a todos com soberba, e discutindo sob o atrevimento do monoculo os successos da ultima tourada, as raças dos cavallos, ou a belleza das mulheres.

O seu ideal era um d'esses figurinos que calcam debaixo dos sapatos de polimento a seriedade das familias e a dignidade das esposas.

Preferia áquelle amor incandescente, áquelle amor sidereo e luminoso todo cheio de aspirações e de sonhos côr de rosa, a *boutonnière* florida e as gravatas de *foulard* dos marialvas do Chiado.

*

Um dia, entre essa multidão confusa, appareceu-lhe o ideal que ella procurava de ha tanto:—Era um rapaz de cabello preto e annelado, com olheiras sentimentaes, tendo por coração as rui-

nas de uma sensibilidade estafada e o cynismo profundo de um *blasé*...

Consuelo amava-o porque a fascinava a brilhantina d'aquelle bigode, petulantemente arqueado n'uma verdadeira audacia de D. Juan.

Vira-o pela primeira vez á porta de uma egreja; os dois olhares encontraram-se e, — que differença de corações aquelles! — emquanto elle se ficava rindo da sua nova conquista, ella ficou-o amando com uma loucura excessiva, — a loucura do primeiro amor, — com o enthusiasmo de quem encontra, n'este labyrintho do mundo, o ente que procurava desde que deixou de ser creança.

Escreveram-se, fallaram-se, e, por fim, Consuelo, seduzida pelas palavras do galanteador, abandonou n'uma noite a casa de sua mãe, que se oppunha áquellas relações, esperando que o seu amante sarasse com o casamento a ferida profundissima que acabava de abrir na existencia da pobre velhinha.

Depois da sua jura não se passaram oito dias sem que a frieza de Carlos se accentuasse cada vez mais, e quando ella, louca de ciumes, lhe perguntava a causa d'aquella mudança, elle respondia-lhe, saindo de casa para não voltar alli senão dias depois.

Uma noite esperou por elle e elle não veio... Passaram-se dias, e a ausencia continuava; finalmente, decorreu um mez sem que Consuelo voltasse a ter noticias de Carlos; quiz-lhe escrever mas nem ao menos sabia a morada d'elle! Foi então que a desgraçada comprehendeu, em toda a sua plenitude, o que é esse terrivel jogo da maldade do cynico contra a inexperiencia da creança. Chorou muito, muito, mas, por fim, o dinheiro acabara-se-lhe, os ultimos recursos haviam-se exhaurido, de lagrimas não se vivia, e era necessario, quanto antes, abandonar aquella casa e recorrer ao expediente de trabalhar para comer.

Sua Mãe, pobre viuva d'um dos revoltosos de Badajoz, que tinha vindo exclusivamente para Lisboa afim de garantir o bem estar da filha, morrera de desgosto dias antes, e assim, só no mundo, sem um abrigo onde se recolhesse, receiando de todos e de tudo, vendeu as ultimas joias, que ainda lhe restavam, e pedio fiado o aluguel da pequena agua furtada para onde tinha ido ultimamente residir.

Passados mezes comprehendeu que, dentro em pouco, seria mãe, mas essa alegria, que todas as mulheres *sentem*, não a experimentou aquella pobre rapariga abandonada no meio da miseria:

—Que julgariam d'ella sem ninguem que justificasse a existencia d'aquelle anjo? — Que vergonha!...

Foi então que Consuelo lançou mão de tudo quanto a sua situação lhe podia permittir: Trabalhava heroicamente, constantemente, e assim decorreram quatro annos vendo-a eu passar todos os dias debaixo da minha janella, com o seu cestinho de flores e o seu chale de seda azul.

O PEQUENO PAGANINI

*

Passado tempo soube Consuelo que Carlos havia casado em Paris, para onde tinha ido ultimamente, e que aquelle outro rapaz que tanto a amara, e que ella havia sempre desprezado, acabava de se ligar tambem a uma rapariga de quem fazia a mais completa felicidade.

O orgulho da mulher assim recalcado produzio os seus effeitos normaes. Sentiu, então já tarde, no meio da inconsequencia do seu caracter, que amava, finalmente, aquelle que nunca lhe poderia pertencer. Chorou muito, umas lagrimas cálidas e abrazadoras como pingos de metal candente; por fim, n'uma d'essas tardes tempestuosas de inverno em que apenas se ouve lá fóra o rumor continuo da chuva e o rodar vertiginoso das carruagens, Consuelo foi encontrada morta sobre o leito, emquanto a pequenita chorava como louca e as flores, cobertas de pó, pareciam olhal-a tristemente com a eloquente melancholia das cousas que nos não fallam...

Aos gritos da creança acudiram os visinhos, e, passados tempos, a pequena era recolhida a um asylo, onde, — dizem, — morreu tambem pouco depois.

*

E aqui está porque eu ainda hoje, quando me levanto de madrugada, para ir aspirar o ar balsamico dos pinheiros e o aroma suavissimo das urzes, n'essas manhãs em que a aragem encrespa a superficie polida dos lagos e as papoulas abrem as suas corollas vermelhas e humidas como os labios sequiosos de mulher nova, sinto uma tristeza infinita enluctar-me o coração, ao olhar para a pequena fresta d'aquella trapeira immunda, onde soffreu essa pobre martyr do amor, collocada tanto tempo á beira do abysmo e despenhada finalmente n'elle.

Coimbra, 1885. — EÇA DE ALMEIDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brasil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA